**LEITURA PARALELA ENTRE OS LIVROS DE 1 MACABEUS E DANIEL**

Os dois livros de Macabeus nos contam a história das lutas travadas contra os soberanos selêucidas para obter a liberdade religiosa e política do povo judeu. Referem-se à reação do povo judeu à política de helenização que se seguiu às conquistas de Alexandre Magno no Oriente, apoiada pela cumplicidade de parte de suas elites. O centro do conflito está em Antíoco IV Epífanes, rei da dinastia Selêucida, que governou a Síria e a Palestina entre 175 a.C. e 164 a.C. Ele profanou o Templo de Jerusalém e desencadeou a perseguição. De outro lado, Matatias e seus filhos (Judas Macabeu, Jônatas e Simão) lançam o apelo à guerra santa até a vitória final e um curto período de paz e prosperidade que se segue. O relato de 1 Mc abrange assim quarenta anos de acontecimentos e foi escrito por volta do ano 100 a.C. É um documento precioso para a história deste tempo, contanto que se leve em conta o seu gênero literário que imita as antigas crônicas de Israel – e as intenções do autor.

O livro de Daniel já não representa a verdadeira corrente profética, nem possui grande fidelidade aos fatos e à cronologia. Ele não pretende propriamente contar uma história, mas sim interpretá-la. Ele foi escrito por um autor que se oculta por detrás do pseudônimo de Daniel que, com certeza, fora um judeu ilustre na corte da Babilônia quase cinco séculos antes. Sua datação mais provável é da época dos Macabeus (séc. II a. C.) e seria uma retrospectiva, desde o império babilônico até o reinado dos Selêucidas, como explica didaticamente Peterlevitz (2011). As visões, a partir do capítulo 12, comunicam a revelação de um segredo divino, explicado pelos anjos, para os tempos futuros, num estilo propositadamente enigmático; este "livro selado” (12,4) inaugura plenamente o gênero apocalíptico que fora preparado por Ezequiel e que se difundirá na literatura judaica.

Os dois livros precisam ser lidos em paralelo. 1 Mc se refere a uma história política e religiosa do povo judeu; considera as desgraças do seu povo como punição pelo pecado e atribui à assistência de Deus os êxitos dos seus heróis. Já o livro de Daniel retrata boa parte do contexto histórico de 1 Mc, mas utilizando outro gênero literário, qual seja o apocalíptico. Ele pretende, na verdade, fazer uma leitura apocalíptica de cinco séculos da história do povo judeu. O livro de Daniel se destina a sustentar a fé e a esperança dos judeus perseguidos por Antíoco IV Epífanes. Daniel e seus companheiros foram submetidos às mesmas provas, abandono das prescrições da Lei, tentações de idolatria; saíram vencedores delas e os antigos perseguidores tiveram de reconhecer o poder do verdadeiro Deus. O perseguidor atual é descrito com traços mais sombrios, porém, quando tiver sido satisfeita a ira divina, virá o Tempo do Fim, quando o perseguidor será abatido. Será o fim das desgraças, do pecado e do advento do Reino dos santos, governado por um Filho do Homem, cujo império jamais passará (ORNELAS, 2000).

Como se trata de um texto apocalíptico, há inúmeras metáforas em Dn 7-12. Destacamos as mais proeminentes e que perpassam toda a compreensão do texto. A interpretação da visão é obrigatória em um apocalipse. No capítulo 7, o primeiro animal, semelhante a um leão com asas de águia (vv.4 e 7) é o Império Babilônico. O segundo animal, semelhante a um urso (vv.5 e 17) é Império Medo. O terceiro animal, semelhante a um leopardo (vv.6 e 17) é o Império Persa. O quarto animal, terrível, espantoso e forte (vv.7, 11, 17, 19-26) é o Império greco-macedônico de Alexandre Magno. Este último animal possuía ‘dez chifres’ que correspondem aos reis selêucidas, derivados do Império de Alexandre. O chifre ‘pequeno’ simboliza o rei Antíoco IV Epífanes (v. 8).

No capítulo 8, em que é detalhado o que foi dito no 7, aparece o carneiro com dois chifres (v. 3-4) simbolizando o Império medo-persa com um chifre maior (persas) e um menor (medos). Depois, vem o bode com um chifre entre os olhos, uma espécie de unicórnio, simbolizando o império greco-macedônico, sendo o chifre o próprio Alexandre Magno (8,5). Rapidamente (“*sobrevoando*”), Alexandre espalhou as suas conquistas e atacou o Império medo-persa (*carneiro*), subjugando-o (*quebrou os dois chifres do carneiro*) (8,6-7). Alude aqui à conquista de Persépolis (331 a.C.) e de Ecbátana (330 a.C.). Encontramos em 1 Mc a descrição histórica desses fatos (TORNIOLO, 2007, p. 75). E, assim, muitas outras metáforas no decorrer do texto.

A intervenção divina na história fica claro nos capítulos 2 e 7 de Daniel. No 2, a pedra que vem do céu põe fim ao esplendor da estátua, símbolo dos grandes impérios humanos. Já no 7, é o Filho do Homem que vem do céu, e destrói os animais ferozes que afligiam a humanidade com seus intentos imperialistas. Em 7.3 lemos sobre a origem dos impérios: os quatro animais ‘subiam do mar’. Isso indica a origem dos reinos deste mundo: eles vêm debaixo, emergem do oceano da humanidade e nele tornam a imergir. Certamente o reino de Deus não vem  de baixo, mas do alto. Não é de homens, mas de Deus. Por isso ele é eterno e não é temporal. Os reinos do mundo são passageiros. O domínio do Filho do Homem é eterno. Esta é a teologia de Daniel: Deus é o Senhor da história (CRISTÓFANI).  
  
O martírio em Daniel deseja expressar aquele conteúdo de sofrimento infligido por poderes políticos sobre as pessoas, não propriamente a concepção de “mártir”, que ganhou expressão com as perseguições aos cristãos no Império Romano. O sofrimento humano passou a ser um tema importante desde o exílio babilônico. Ele resulta numa busca, pelos atingidos, de uma resposta junto a Deus, da finalidade do martírio, como afirma Cristófani. O livro de Daniel reflete, através de “*vaticinia ex eventu*”, o período dos macabeus, como já vimos. Nas suas visões estão estampadas com cores vivas, o grande sofrimento do último período da história que está em curso na época do autor. Este martírio é testemunhado também nos livros de Macabeus I e II. Contudo, ambos conhecem outro tipo de resposta ao sofrimento e morte do justo: a ressurreição. Tanto em um, quanto em outro livro é testificado que a retribuição passa além desta vida presente.

Em Dn 8, 17-19, um anjo esclarece que se trata de uma visão sobre o fim dos tempos, mais precisamente o tempo final da ira. Não se trata do fim do mundo, e sim do fim da história dos impérios, da fase imperialista da história, como afirma Torniolo (2007, p. 77). Depois dela, virá o Reino de Deus. Este tempo da ira havia começado com a queda de Jerusalém nas mãos da Babilônia, prolongou-se com os impérios sucessivos e o tempo final é o imperialismo de Antíoco IV Epífanes. Esta mesma expressão de Daniel – “fim dos tempos” - ocorre muitas vezes nos livros dos Macabeus. Mas a fase imperialista tem seus dias contados, e isto traz esperança para o povo. Algo novo vai acontecer no mundo: virá o Reino de Deus, que derrotará completamente o imperialismo. Temos aqui uma projeção da esperança, marcada pela perspectiva da intervenção cósmica de Deus em favor de Israel e pela promessa de um futuro duradouro de paz e de prosperidade.

O livro apocalíptico de Daniel exprime esta nova concepção escatológica, que será operada pela figura enigmática do Filho do Homem (Dn 7,13; 10,16.18), a quem é entregue um poder ilimitado e eterno e que conseguirá a vitória definitiva em favor de Israel, com a ajuda do arcanjo Miguel: “*Contemplando sempre a visão noturna, vi aproximar-se, sobre as nuvens do céu, um ser semelhante a um filho de homem. Avançou até ao ancião, diante do qual o conduziram. Foram-lhe dadas soberania, glória e realeza. Todos os povos, todas as nações e as gentes de todas as línguas o serviram. O seu império é um império eterno que não passará jamais, e o seu reino nunca será destruído*” (Dn 7,13). Nesta perspectiva, os elementos do messianismo davídico do antigo profetismo perdem decisivamente a sua importância, pois o mundo novo não será obra de messias humanos, mas do próprio Deus, que agirá por intermédio de personagens sobre-humanos (ORNELAS, 2000). Trata-se de outro tipo de messianismo, agora influenciado pelas ideias do dualismo escatológico dos persas.

Daniel não fornece detalhes desta nova era, e os anúncios do tempo do cumprimento da profecia são meramente simbólicos, não permitindo nenhum cálculo matemático. Certo é que o tempo da salvação compreende as imagens usuais de libertação dos inimigos e derrota dos opressores, mas tem uma componente nova em relação ao passado: a participação na salvação anunciada é reservada aos justos que, para tal serão transformados.

**Referências**

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulinas, 1973.

CARVALHO, José Ornelas. Origem e evolução do messianismo em Israel. In Didaskalia, XXX, 2000. Disponível em

<<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/18480/1/V03001-029-051.pdf>> Acessado em 10.09.2017.

COLLINS, John J. Temporalidade e política na literatura apocalíptica judaica. In Oracula, São Bernardo do Campo, v. 1, n. 2, 2005.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. A imaginação apocalíptica. São Paulo: Paulus, 2011.

CRISTOFANI, José Roberto. Martírio e Ressurreição em Daniel 12. 1-3. In Blog Jr.Cristofani, s/d. Disponível em

<<http://www.cristofani.org/blog/119-artigos-cientificos/195-martirio-e-ressurreicao-em-daniel-12-1-3>> Acessado em 09.09.2017.

PETERLEVITZ, Luciano R. A leitura apocalíptica da história no livro de Daniel – Perspectivas. In Revista Teologia Brasileira, 30.06.2011. Disponível em

<<http://www.teologiabrasileira.com.br/teologiadet.asp?codigo=225>> Acessado em 07.09.2017.

TORNIOLO, Ivo. Como ler o livro de Daniel: Reino de Deus x imperialismo. São Paulo: Paulus, 2007.

**José Antonio Correa Lages**

**Polo Brasília**

**Matrícula:**